

A PRÁTICA DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR ENQUANTO TRANSFORMADOR SOCIAL

Lucimare Mesquita de Brito¹
Francisco Eudes de Sousa²
Maria Yasmim Machado Siqueira³
Samuel Pires de Melo⁴

RESUMO

Este artigo visa compreender o papel do professor como agente de transformação social, destacando assim sua importância para o desenvolvimento social, político e cultural do educando. Sendo a escola seu ambiente de trabalho, destaca-se também essa como o principal recurso a ser utilizado no processo de construção e desenvolvimento do cidadão. Tendo como objetivo analisar o papel desse educador dentro da sala de aula, e como isso afeta o ambiente externo em que vivemos, buscando compreender assim sua contribuição para a sociedade e a importância de desenvolver esse trabalho de qualidade. Para atender aos objetivos do presente artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando autores e materiais que pudessem trazer uma reflexão sobre o assunto. Como resultados, percebem-se a importância do papel do professor não só como transmissor de conteúdos didáticos, mas como agente transformador de uma sociedade, com papel político e social a ser cumprido e exercido dentro e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Professor Reflexivo, Educação, Transformação Social, Prática Docente.

INTRODUÇÃO

A educação é algo intrínseco a vida social. Ao nascermos, deparamo-nos com diversas formas de aspectos socioculturais instituídos, mas que com o passar do tempo vai nos adequando ao meio em que vivemos, e continuamos o processo de aprender e ensinar. A educação passa a funcionar como um mecanismo de controle social e de transmissão de culturas e conhecimentos necessários ao ser humano para uma boa convivência social. Para Gusmão (1997), a educação promove um ajustamento psicossocial, em função de a cultura a ser percebida, também, como uma técnica social de manipulação da consciência, modelando a personalidade dos membros do grupo social.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR, luhmesquitabrito@gmail.com;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR, luhmesquitabrito@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR, yasmimachado@hotmail.com;

⁴ Doutor em Sociologia e docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR, samuelmelo@ufpi.edu.com;

Pensando assim, o professor precisa se adequar a essa função da educação, para que os indivíduos consigam se adaptar e viver em sociedade, dando início a isso desde os anos iniciais na escola, quando aprendem a falar, a escrever, a interpretar, utilizar os números e etc. Entretanto, questiona-se até que ponto existe um processo de transformação na educação protagonizado pela relação educando e educador?

Segundo Saviani (1995, p.19):

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem se organizar a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber é aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso também aprender a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia humanas).

O presente artigo busca então compreender os elementos sociais e políticos dos educadores, trazendo aspectos importantes a serem desenvolvidos no modo de trabalhar do educador e educando, de forma que o papel fundamental da educação seja alcançado nas sociedades.

É necessário compreender que existe uma complexidade a respeito do modo de trabalhar do professor que não deve atuar mais como um indivíduo desconectado do meio ou mero transmissor do conteúdo programático, que só ensine os educandos a ler, escrever e contar, mas também os ensinam a viver, a pensar, a se expressarem, propiciando assim uma socialização, integração e transformação desses indivíduos na sociedade, que atualmente é uma sociedade complexa, tecnológica e multicultural.

Ao trazer o educador para pensar seu modo de trabalhar traçado por elementos políticos e sociais, é necessário que esse faça com que seus alunos compreendam a importância dos conteúdos ensinados em sala de aula de forma contextualizada às suas realidades. Permitindo assim que eles desenvolvam uma consciência política que pode levar às transformações socioculturais.

Nesse sentido, levantamos como perspectiva primeira na discussão bibliográfica, sob uma perspectiva qualitativa, compreender o lugar desse educador para a consciência política, e a reflexão sobre suas ações e práticas em sala de aula, principalmente para que seja possível uma transformação social.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa de cunho bibliográfico. Qualitativa, pois busca interpretar e conhecer determinados comportamentos dos educadores frente à esse fenômeno social que acontece no ambiente escolar. Segundo André,

Essa modalidade de pesquisa veio com a proposição de ruptura do círculo protetor que separa pesquisador de pesquisado, separação que era garantida por um método rígido e pela clara definição de um objeto, condição em que o pesquisador assume a posição de “cientista”, daquele que sabe, e os pesquisados se tornam dados – pelos seus comportamentos, pelas suas respostas, falas, discursos, narrativas, etc, traduzidas em classificações rígidas ou números - numa posição de impessoalidade. Passa-se a advogar na nova perspectiva, a não neutralidade, a integração contextual e a compreensão de significados nas dinâmicas histórico-relacionais (colocar aqui o ano e pagina).

E utiliza-se da pesquisa bibliográfica, tendo como base as produções de muitos estudiosos na área. Como afirma Boccato (2006, p. 266),

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Para isso, foram feitas pesquisas em artigos científicos e livros que fazem referência ao assunto abordado nesta pesquisa. O objetivo principal desse artigo é apresentar aos leitores uma leitura reflexiva sobre o modo de trabalhar do educador na sociedade contemporânea, principalmente diante da perspectiva de ser um agente social e político. Para tanto, artigo é desenvolvido de maneira a apresentar reflexões de diferentes e importantes autores que desenvolveram e desenvolvem pesquisas nesse campo, buscando assim, uma melhor compreensão do lugar do professor frente as demandas da sociedade contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O PROFESSOR COMO UM SER REFLEXIVO

O processo de reflexão é algo que deve ser indispensável ao modo de trabalhar do professor, pois esse utiliza da reflexão para que possa se distanciar do senso comum, buscando desenvolver a criticidade e a consciência de si e do mundo. Segundo Vygotsky

(1925), ser humano e animal são distinguidos não só pela vontade que caracteriza as ações dos primeiros, mas também, e prioritariamente, pela diferente organização da consciência de ambos. Assim, nós seres humanos já nascemos com uma consciência que pode e deve ser estimulada transformando-nos assim em seres pensantes e reflexivos e não apenas instintivos.

Além de termos a capacidade de desenvolver essa consciência em nós mesmos, também temos o poder de transmitir essa consciência aos outros, mediando assim conhecimento a outros e transformando as pessoas e o meio em que vive. A consciência aparece então como aquilo que se pode transmitir a outros (VYGOTSKY, 1925a).

Portanto, sendo o professor um facilitador do conhecimento, espera-se que em sua prática pedagógica deva atuar como um ser pensante e consciente de suas práticas e assim despertar em seus educandos a tomada de consciência do mundo que os cercam. Como refere Dewey (1933), o envolvimento do professor em prática reflexiva implica: abertura de espírito para entender possíveis alternativas e admitir a existência de erros; responsabilidade que permite fazer uma ponderação cuidadosa das consequências de determinada ação; e empenhamento para mobilizar as atitudes anteriores.

O professor reflexivo consegue transmitir essa consciência aos seus educandos, permitindo assim que toda e qualquer ação dentro e fora da sala de aula seja analisada e tomada de consciência. Para Schön (1992, p. 82) existem alguns pressupostos que um professor reflexivo precisa ter e praticar:

[...] Se o professor quiser se familiarizar-se com este tipo de saber, tem de lhe prestar atenção, ser curioso, ouvi-lo, surpreender-se, e actuar como uma espécie de detective que procura descobrir as razões que levam as crianças a dizer certas coisas. Este tipo de professor esforça-se por ir ao encontro do aluno e entender o seu próprio processo de conhecimento, ajudando-o a articular o seu conhecimento-nação que exige do professor uma capacidade de individualizar, isto é, de prestar atenção a um aluno, mesmo numa turma de trinta, tendo a noção do seu grau de compreensão e das suas dificuldades.

É notório que muito precisa ser feito na formação desse docente que irá atuar na sala de aula, investir desde cedo na autonomia e na ação ligada à reflexão desse futuro professor é imprescindível. Com isso Nóvoa (1992, p. 13) defende que:

[...] a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Percebe-se então esse processo de reflexão como um ciclo, que é passado de professor para aluno, que esse quando se torna professor também pratica o que lhe foi ensinado e assim o processo de educação na escola vai ocorrendo.

Quando o professor consegue dominar a prática da reflexão isso é transmitido automaticamente aos seus educandos que não se veem mais como meros repetidores de ideias e palavras, mas sim, como sujeitos pensantes, que são capazes de refletir e ter consciência do mundo que os cercam. Através da reflexão o professor percebe-se não mais só como um profissional que repete e ensina conteúdos mecanicamente, mas que utilizando desses conteúdos aliados a uma prática reflexiva ele pode sim transformar o meio em que vive.

Com isso, Pimenta (2005, p. 18) ressalta que:

[...] professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas. Dada à natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazer docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano.

Essa prática exige assim que o professor tenha consciência de sua ação, que reflita sobre seu próprio fato de existir, e sobre o mundo que o cerca. Na verdade, esse processo pode ser visto como ato de educar pautado em uma práxis em que:

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 2006, p. 30)

Por isso, a importância do educador se reconhecer como sujeito reflexivo e crítico, para que esse possa possibilitar aos seus educandos a mesma experiência, superando assim o senso comum e criando novas possibilidades para o mundo que vivem.

O PROFESSOR COMO SUJEITO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A pergunta chave que norteia essa questão do papel do professor é: “por que ensinar”? Essa pergunta nos leva a tantas outras indagações que nortearam nosso trabalho e empenho como educadores. Como, por exemplo, qual a importância do meu trabalho para a sociedade? Qual a minha contribuição para o mundo que me cerca? Como me construo dentro da perspectiva de um agente de transformação social? Com isto, Vasconcellos (2003, p. 77) afirma que:

O professor deve se assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para a existência, nova forma de organizar as relações entre os homens), e se comprometer também com a alteração das condições de seu trabalho, tanto do ponto de vista objetivo (salário, carreira, instalações, equipamentos, número de alunos por sala, etc.), quanto subjetivo (proposta de trabalho, projeto educativo, relação pedagógica, compromisso social, vontade política, abertura para a mudança, disposição democrática, etc.).

O educador precisa se perceber e se reconhecer como agente de mudança, confrontando assim seu senso comum e não apenas o ignorando, mas contestando de forma crítica aquilo que acredita. Freire (1991, p.126) aborda que:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um querer fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos.

A escola é o espaço de desenvolvimento social, e é lá que os professores atuam como, ou que pelo menos, deveriam atuar como agentes de mudança de uma sociedade onde a classe dominante permanece sob uma classe dominada. Não é que toda e qualquer transformação social seja responsabilidade de uma única classe trabalhadora (professores), mas é que devemos nos reconhecer como responsáveis por muitas e importantes mudanças da nossa sociedade, pois é na escola, nosso ambiente de trabalho, onde crianças, jovens e adultos começam a fazer uma leitura do mundo que vivem.

É na escola onde as relações sociais das socializações secundárias acontecem, e a realidade aparece a eles da forma como é, e nós como educadores estamos ali para juntos promovermos uma inserção que seja de protagonismo social, o que pode levar ao entendimento delas para as mudanças, e não somente para suas adaptações.

Segundo Gramsci, “criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido” (GRAMSCI, 1995, p.12).

O professor precisa desenvolver sua prática pedagógica não só em conteúdos, mas sim, percebendo o aluno como sujeito histórico e social, que pode pensar e mudar a realidade em que vive. Para Freire (2004), esse aluno precisa “ler criticamente o mundo”, ou seja, desenvolver sua habilidade política e se questionar, e questionar o mundo em que vive.

As reflexões apresentadas nessa discussão bibliográfica nos fazem pensar o estudo abordado como uma reflexão sobre nossa prática pedagógica nos diversos espaços que atuamos nosso papel social e político frente a uma sociedade dinamizada, tecnológica e precisada de mudanças.

Compreendemos a importância do nosso papel profissional para que busquemos equalizar nossa sociedade de uma maneira que nossos educandos se percebam como sujeitos ativos e críticos, que possam mudar a realidade que vivem e serem mais que meros coadjuvantes no processo educacional.

Trouxemos assim com esses resultados a visão de diversos autores para uma reflexão sobre o papel da prática pedagógica, do educador e do educando dentro e fora da escola. É um processo de autoanálise de sua práxis, uma busca pelo seu real objetivo como educador, disposto ou não a transformar a realidade social em que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, percebemos a importância de nos colocarmos em constantes questionamentos dentro e fora da sala de aula. Não tem como nos omitir do papel político que um educador ocupa na sociedade, não tem como deixar nosso senso comum tomar a frente de nossa prática pedagógica, tirando de nossos educandos o direito de pensarem e refletirem sobre suas ações.

É notório o nosso papel a ser desempenhado na escola, dando a nossos educandos a oportunidade de serem sujeitos ativos e capazes de transformar a realidade que os cercam. Percebemos então que antes de exigir e trabalhar isso com os nossos alunos precisamos trabalhar isso em nós mesmos, sair da nossa caixinha, de um molde de educador tradicional, reproduzidor de conteúdos aleatórios para sujeitos capazes de semear a esperança e o desejo de mudança.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernadete. **Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil: Origens e evolução**. Disponível em <<https://www.uuffs.edu.br/pastas-ocultas/bd/pro-reitoria-de-pesquisa-e-pos-graduacao/repositorio-de-arquivos/arquivos-do-programa-de-formacao/modulo-vii-pesquisa-qualitativa-parte-ii/@@download/file>> acesso em 13 de agosto de 2019.

BARREIROS, Gláucia Britto. **O conceito de professor reflexivo: uma análise sobre as concepções de professores de ciências**. 2014. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo**, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

DEWEY, John. **How we think**. Courier Corporation, 1933.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

FREITAS, André Luis Castro de-FURG; FREITAS, André Luis Castro de. A prática docente a serviço da transformação social. In: **Curitiba: X Congresso Nacional de Educação- EDUCERE**. 2011.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: Gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: Primeiras aproximações. 11ª ed. rev. São Paulo: Autores associados. 1991.

SCHÖN, Donald. **Formar professores como profissionais reflexivos**: Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, v. 2, 1992.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista. **O pensar educação em Paulo Freire**: Para uma pedagogia de mudanças. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>> acesso em 13 de agosto de 2019.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação**. 10ª Ed. São Paulo: Libertad, 2003.

VYGOTSKI, Lev S. **La conciencia como problema de la psicología del comportamiento**. Obras escogidas, v. 1, 1925.